

TRAVESSIA DE POLIXENA

Lourdes Rodrigues

Ao ouvir a sentença de morte, nenhum apelo proferiu. Sequer um ténue movimento súplice de tocar o queixo ou abraçar os joelhos do chefe argivo, ela o fizera. Não que o mensageiro da nefasta notícia lhe tivesse negado o direito de fala. Não, não por isso. Porque esse era o seu desejo. E por não reconhecer naquele homem auditor digno de suas palavras.

Se quisesse ela poderia ter falado do absurdo de morrer para cumprir veleidade de guerreiro jazido no lodaçal imundo das trevas subterrâneas. Da insensatez de se dar crédito às ameaças de um morto que arbitrariamente prometia reter as naus aquéias nas costas da Trácia, caso não lhe fosse derramado sobre o túmulo o sangue da filha do rei de toda a Frígia. O seu sangue. Ah, o filho da nereida permanecia arrogante mesmo imerso nas entranhas da terra!

Talvez devesse ter perguntado se não seria de melhor alvitre convencer aquela alma perturbada a beber das águas do rio Lete para esquecer o passado. Passado curto, mas torpe, carregado de tantas ações perversas que ele bem poderia admitir lá do portal das sombras *sofri o castigo que mereciam minhas ações injustas*.

Se quisesse poderia ter alertado a corja helênica que nada mais deviam àquele homem, se de fato algum dia algo lhe fora devido. As atrocidades cometidas por ele, movidas por coração de ferro e fúria avassaladora, deram-lhe paga exacerbada na partição do espólio de sangue

dos bravos troianos. E se as memórias estivessem falhas, bastava lembrar-lhes a ação mais hedionda executada pelo *ruivo*, a que culminou com o desmoronamento das pilastras de sustentação da *Prímea polis*: a ofensa ao corpo sagrado de Heitor.

O espetáculo que ele impôs aos troianos e à família priâmida que veneravam o guerreiro de elmo reluzente com fervor dedicado a um deus todo poderoso, fora o mais cruel daquela guerra insana. O corpo do guerreador foi arrastado de forma impiedosa por corcéis açoitados pela cólera extrema do furioso rei ftio. Alçado bem alto pelos pés furados do calcâneo ao tornozelo, por onde tiras de couro cru foram trespassadas para amarrá-lo ao carro. Os cabelos de Heitor, outrora louros, enegrecidos, varriam o chão, e espalhavam-se pela frente pulverulenta e injuriada na terra.

Bem que ele poderia reconhecer lá do portal das sombras *sofri o castigo que mereciam minhas ações injustas*.

Ah, se o pudor não a impedisse, talvez tivesse falado da ignomínia dos aqueus ao decretar a sua morte, ela, uma princesa priâmida, a prometida de ricos e belos príncipes que exacerbavam rivalidade na ânsia de torná-la senhora de seus palácios e rainha de seus corações. Amada como uma diva em passado ainda tão recente, agora destinada ao sacrifício para alimentar concupiscência de fantasma libidinoso, que das profundezas da terra cobrava caro a sua parte no butim, como se vivente ainda ele o fosse. Não saciara a sanha assassina com a morte de Troilo, o jovem que

dava água aos cavalos junto à fonte, apenas por ele desdenhar-lhe a sedução?

Ah, palavras, palavras, palavras, o que são as palavras de uma derrotada? Bem melhor não dizê-las. Seriam levadas pelo vento e assim se perderiam na imensidão do infinito quando confrontadas com o desejo arbitrário do vencedor, ela não duvidava dessa máxima. Por isso se mantinha calada, e calada decidira ficar para todo o sempre.

Mas o mensageiro da morte sinalizava pressa.

Ela arqueou de leve os ombros, cobriu a cabeça com os véus diáfanos, dirigiu-se à porta e saiu.

Em direção ao seu destino.

Ao sentir o toque no braço da guarda que a escoltaria, fez gesto firme e brusco de repulsa e se desvencilhou altiva das mãos impuras que ousavam tocá-la. Intimidados com a soberba daquela mulher, os soldados recuaram.

Poucos metros adiante se abaixou para cavar com as próprias mãos o chão e recolher punhados de terra sobre um dos véus que trazia amarrado à cintura. Mais à frente ajuntou folhas calcinadas de uma figueira. E prosseguiu na caminhada, seguida de perto pelos guardiões, e à distância por Odisseu, o arauto de seu infortúnio.

E muitos passos ela andou até forte fumaça negra a envolver, deixando-lhe os olhos a lacrimejar e a respiração ofegante.

Eram fumaraças vindas de Ílion ainda em chamas.

Subiu rápida a ladeira íngreme da bela Ida, desviando o caminho de destino para a última visão de Tróia, agora incendiada pelos aqueus.

Sentimento de horror e encantamento tomou conta dela.

Labaredas dançavam dança macabra e fascinante sob a regência suprema do vento. Vento norte a uivar e assoprar fúria indomável, formando línguas de fogo vermelhas laranjas violetas que serpenteavam pela cidade-castelo-fortaleza. E invadiam casas, palácios, ruas deixando rastros fumegantes, estorricados, enegrecidos. Das encostas do outro lado do Ida o fogo escorria. Do Escamandro não mais se viam as águas, cobertas pelos corpos em chamas. Vultos flamejantes corriam em suas margens, sugerindo tochas de fogo em noite de festa, não fosse o denunciante odor acre de carne queimada no ar. Fumaças densas negras espiraladas rumo aos céus pareciam clamar por justiça a deuses surdos, acumpliciados com aqueus.

Bem que ele poderia reconhecer lá do portal das sombras *sofri o castigo que mereciam minhas ações injustas.*

Sentiu-se desfalecer, o pulmão abrasado pela dor. Foi então que uma voz saída das sombras disse imperiosa, Vamos, devolvendo-a para o seu desígnio. Ela se voltou revigorada por aquela voz que a reconduzia ao seu

papel histórico. Foi então que se deu conta do pequeno cortejo de troianos que estivera às suas costas: homens, mulheres, crianças, feridos, chamuscados, dilacerados em suas vestes e em sua honra. Quem sabe eles apenas quisessem exibir para ela o pesar pela cidade enlaçada por chamas, pensou. Ou talvez num gesto de amor à sua princesa desejassem acompanhá-la na travessia.

Durante breve instante seus olhares se cruzaram. E o que ela viu nos olhos deles, foi o mesmo horror que lhe embaçou os olhos nos últimos cinqüenta longos dias de intensa tormenta.

A guerra começara quando ainda era criança para entender o que levava homens a se enfrentarem em luta tão ferrenha, em luta de morte. Nada sabia sobre a força devastadora da paixão. E lembrou a chegada a Ílion de Helena na companhia de Páris. A noite já procurava a madrugada quando acordou com ventos fortes espalhando chuva pelas janelas abertas do quarto alumiado por faíscas de luz. Os trovões explodiam fazendo um barulho ensurdecedor. Jamais vira tamanha cólera dos céus. E ela se assustou. E saiu pelos corredores do palácio em busca de apoio para acalmar desassossego. Foi então que viu, pela primeira vez, Helena. Ao seu lado, Páris e os pais falando excitados. Que beleza esplendorosa, estonteante! E quedou-se a olhá-la acalmada do medo que a levava até ali. A luz de um relâmpago iluminou o salão e caiu como um refletor sobre Helena e ela viu o sangue a escorrer de sua boca, dos seus olhos, dos ouvidos, aos borbotões, umedecendo-lhe as vestes, escorrendo pelo chão, inundando o palácio, alastrando-se pelas ruas de Tróia. Ao estrondo do trovão, seguiu-se um grito de criança aterrorizada.

— Vamos!

A voz devolveu-a ao presente, instigando-a a retomar o norte. Fez um leve sorriso de despedida ao seu povo e recomeçou a caminhada. Ruídos de pés machucando gravetos, ferindo a terra árida deram-lhe a certeza de não mais estar sozinha. Sensação de orgulho e destemor a invadiu. A resistência dos troianos é inquebrantável, ela pensou.

E a marcha continuou sob sol ardente. Brisas ligeiras enxugavam-lhe o suor do rosto. Já avistava os soldados aqueus margeando o caminho de entrada do sepulcro, quando vozes alteradas quebraram o silêncio.

— Parem! Nem mais um passo.

Odisseu e os guardiões, de lança à mão, tentavam fazer recuar os troianos que a seguiam na caminhada. A vista não alcançava o termo daquela fila imensa de homens, mulheres, crianças, feridos, chamuscados, dilacerados em suas vestes e em sua honra, que agora se ajuntavam transformando o pequeno cortejo numa verdadeira multidão. Ulisses solerte gritava que recuassem, que fora muito honroso da parte deles acompanhar a sua princesa ao local do sacrifício, que ela certamente ficara feliz com a gesta, e que ele mesmo a entendera e não a interditara por considerá-la digna de um povo que lutara tão bravamente. Mas dali em diante não mais era permitida a passagem. Ninguém passará desse risco!, e riscou o chão com a lança, demarcando limite.

Momento tenso de profundo silêncio.

Outra vez eles se olharam. E o que ela viu nos olhos deles agora lhe perpassou calafrio na espinha que a fez estremecer. Não!, Não, Não, disse com o olhar e um leve balançar de cabeça. E as faces permaneciam tensas, os dentes ringindo, os punhos levantados. Seria mais um massacre, ela não poderia suportar.

— Voltem, voltem, nem mais um passo.

Era visível o temor nas palavras de Odisseu. Não porque fosse um homem de paz. Crueldade e inteligência estiveram presentes nas estratégias desenvolvidas por ele para a destruição de Tróia. Mas, porque fora condescendente demais permitindo àquele povo que os acompanhasse e agora eles se apresentavam ameaçadores. Verdade que, ao perceber os troianos vindos de todas as direções e engrossando a procissão que se formava atrás deles, começara a se sentir desconfortável.

Desafiantes eles ultrapassaram o risco feito pelo filho de Laerte e continuaram a caminhar. Ela fez um gesto simples pedindo calma. Depois colocou as duas mãos sobre o coração, curvou-se quase até o chão em reverência. Ninguém deu mais um passo. Primeiro um, e mais um, e outros e mais outros, até que todos, repetindo o seu gesto, colocaram as mãos sobre o coração e se inclinaram reverentemente.

E assim se deixaram ficar por breves segundos.

Quando ela se ergueu, eles se ergueram. Foi então que os gritos emergiram do meio do povo, acompanhado do som deixado pelos galhos de figueiras a tremular em suas mãos:

— Polixena! Polixena! Polixena!

Gritos que traziam de volta a força aguerrida dos troianos durante a guerra maldita. Os olhos encheram-se de lágrimas ao pensar naqueles corpos tão combalidos, ainda de espíritos íntegros. Ela retoma a caminhada. De rosto erguido passou pela guarda que margeava os dois lados da estrada e entrou na necrópole ainda a ouvi-los gritar o seu nome e a balançar os ramos de figueira no ar.

O exército grego abriu caminho para que ela atravessasse com passos firmes e destemidos o cemitério. Neoptólemo, o filho do iroso mirmidão seria o sacerdote que comandaria o sacrifício. Ele estendeu a mão para ajudá-la a subir no túmulo do célebre celerado pai. Ela a ignorou, causando murmúrio no cemitério. E sem esforço pisou sobre o sepulcro e não pôde conter o pensamento que a vinha perseguindo desde que soubera da sua sentença: bem que ele poderia reconhecer lá do portal das sombras *sofri o castigo que mereciam minhas ações injustas*.

Ordenando silêncio, o sacerdote iniciou as libações. Em seguida, retirou o gládio ornado de ouro da bainha e fez gesto rápido para os jovens soldados conterem os movimentos de Polixena, caso ela esboçasse resistência. Ela os detém fazendo sinal com a mão esquerda:

— Não toquem no meu corpo, não quero marcas estranhas sobre ele. Deixem-me solta, ofertarei o meu pescoço ao golpe com o coração altivo. À vida sem liberdade escolho feliz os braços de Hades, o príncipe das trevas. Jamais serei escrava. Nunca serei menos que uma princesa.

Novo murmúrio se ouviu, mas ela continuou a falar:

— Antes de partir, desejo proferir algumas palavras, palavras nascidas das gestas daqueles que gritam agora nas proximidades daqui o meu nome. Ouçam! Ouçam! São eles, troianos remanescentes da tragédia, tornados escravos pelos corpos repartidos entre aqueus, mas cuja integridade da alma permanece inalterada. É em nome deles que eu quero fazer agora uma súplica. Peço aos muitos aedos que aqui se encontram travestidos de soldados que façam um longo poema dedicado a Ílion e ao seu povo ao voltarem para a Hélade e retirarem os pesados elmos. E naquele poema contem com justeza os combates acontecidos, destacando os cinqüenta e um dias mais terríveis vividos pela cidade. Citem o magnânimo guerreiro Heitor, o herói desse povo, *trezentos e cinqüentas e cinco vezes*, nem que para isso tenham que falar quase o mesmo tanto daquele que o ultrajou mesmo depois de morto, de Aquiles, o de pés ligeiros, sobre cuja sepultura agora eu me encontro.

Após dizer essas palavras, ainda olhando para os soldados, ela soltou os véus diáfanos dos ombros, deixou-os cair ao chão, revelando a todos o corpo desnudo.

Murmúrios altos, inquietantes, acompanhados de figueiras agitadas no ar.

Com a terra e as folhas trazidas em um dos véus, Polixena simulou libações, jogando-as lenta e alternadamente sobre a cabeça, deixando-as deslizar pelo corpo e caírem no chão. Ao terminar, ajoelhou-se, e estendendo o peito firme para frente e o pescoço para trás, dirigiu-se a Neoptólemo e falou com voz decidida:

— Se desejas atingir o meu peito, aqui está ele; se o que queres é dilacerar a minha garganta, ela está à tua espera.

Antes que o sacerdote baixasse o gládio, os jovens guerreiros encarregados de conter Polixena intervieram e rodearam-na, formando uma muralha protetora.

E aos gritos do seu nome ouvidos de fora se juntaram outros agora de dentro de toda a necrópole.